



A propagação da cultura norte-americana no jornalismo brasileiro dos anos 1930¹

Gisely Valentim Vaz Coelho HIME²
Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo pretende realizar uma breve reflexão sobre a propagação da cultura norte-americana na imprensa brasileira na Era Vargas, a partir de um estudo sobre o vespertino paulistano *A Gazeta*, jornal mais moderno do Brasil, no final dos anos 1930. Verificamos como a publicação responde à Política da Boa Vizinhança e ao Panamericanismo do Governo Roosevelt; o registro das visitas de relevantes personalidades da sociedade americana *A Gazeta*, a partir de 1940; a realização das conferências e filmes no auditório d'*A Gazeta*; as missões de jornalistas brasileiros aos Estados Unidos; as viagens de Cásper Líbero, proprietário e editor do vespertino, aos Estados Unidos; e, finalmente, com se dá a propaganda da cultura norte-americana nas páginas do vespertino.

PALAVRAS-CHAVE: cultura norte-americana; jornalismo brasileiro; panamericanismo; política da boa vizinhança; era vargas.

Na virada dos anos 1930 para os 1940, o vespertino paulistano *A Gazeta*, de propriedade do jornalista Cásper Líbero, tornou-se a publicação mais moderna do Brasil, do ponto de vista editorial, gráfico e administrativo, sintonizada com os principais avanços na área, observados nos Estados Unidos e na Europa. Trata-se de um momento delicado na vida do País. Após uma década de um governo centralizador, com um projeto de modernização fundamentado no espírito nacionalista, Getúlio Vargas oscila entre os países Aliados e os do Eixo, com os quais se identifica ideologicamente, em negociações em busca de financiamento e expertise necessários à sua implementação. Cásper Líbero tem participação ativa neste cenário de diversas formas: integra comissões de negociações político-econômicas; realiza conferências sobre a imprensa brasileira e, sobretudo, sua empresa; promove conferências, reunindo empresários e intelectuais brasileiros e estrangeiros, em debates sobre as temáticas mais

¹ Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Coordenadora e Professora da Área de Comunicação Social do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação da FMU (SP); Professora dos Cursos de Graduação em Comunicação Social do UniFIAMFAAM (SP). Mestre e Doutora pela ECA-USP, instituição onde também se bacharelou em Jornalismo. e-mail: giselyhime@uol.com.br



pertinentes àqueles tempos. Nessa perspectiva, *A Gazeta* torna-se espaço privilegiado de observação da gradativa influência da cultura norte-americana no País.

Se, durante muito tempo, era quase que obrigatório para a elite brasileira enviar os filhos para completar os estudos na Europa, na década de 1940, ela descobre que os Estados Unidos também podem ser uma opção bastante atraente. E o próprio país é responsável por essa mudança. As bolsas de estudo em aviação integram um grandioso projeto de intercâmbio universitário, largamente divulgado nas páginas d'*A Gazeta*.

A 13 de junho de 1941, por exemplo, o jornal registra a partida de uma delegação brasileira, num intercâmbio promovido pela União Cultural Brasil-Estados Unidos. Entre as dez moças e os doze rapazes que a compõem estão quatro paulistas: Décio de Almeida Prado – que viria a se tornar um dos grandes intelectuais brasileiros -, Maria Conceição Ribeiro, Francisco Soares Camargo e Henrique Lindenberg Filho.

O programa americano, contudo, não se restringe apenas ao Brasil. Em 18 de agosto daquele ano, *A Gazeta* anuncia o custeio da viagem de 30 estudantes latino-americanos e, em 8 de dezembro, divulga o oferecimento de 25 bolsas para a América Latina, nos cursos de aviação, indústria têxtil, automóveis, construção, tração e serviços públicos, química e física, jornalismo, economia, educação, saúde pública, engenharia (química, elétrica, radiotécnica, comunicação), negócios e mercado, administração pública, serviço social, instrução bibliotecária e música.

O programa também se dirige a professores. Em 16 de setembro, registra-se a viagem de uma comitiva de professores e alunos da Escola Luiz de Queirós, de Piracicaba (interior de São Paulo), a convite das autoridades americanas. Além disso, tanto oferece cursos em nível universitário, quanto de extensão - como registra matéria publicada no dia 19 do mesmo mês. Essa matéria, aliás, destaca o curso de português para estrangeiros, criado naquele país, pela União Cultural Brasil-Estados Unidos.

O incentivo ao intercâmbio cultural era apenas um dos fatores da Política de Boa Vizinhança, plano que orientou o relacionamento do Governo Roosevelt com os governos centro e sul-americanos no início da década de 1940. Como caracteriza Moniz Bandeira, “a Boa Vizinhança correspondia à necessidade de manter em calma o quintal enquanto se pelejava nas ruas (BANDEIRA, 1978: 247)”.

Enquanto a Segunda Guerra ensaia os primeiros passos, os Estados Unidos, apesar de sua posição de neutralidade, iniciam a preparação de um plano logístico militar. Tal plano esconde-se em propostas de cooperação econômica, que incluem o envio de



capitais e técnicos para ajudar na exploração da borracha, das fibras, dos óleos vegetais, do manganês e do minério de ferro. Como os países europeus - principalmente Alemanha e Inglaterra -, os Estados Unidos têm consciência da importância de se controlar as fontes de matérias-primas que existem na América Latina para galgar posições políticas e econômicas no então conturbado contexto mundial.

Na verdade, com a explosão da Segunda Guerra, os americanos buscarão intensificar a presença junto à exploração das reservas brasileiras de matéria-prima, uma vez que essa presença já se faz sentir desde meados da década de 1920, quando o Governo Efigênio Sales divide o Estado do Amazonas em oito zonas para a exploração de minérios, entregando seis à American Brazilian Co., Canadian Co. e The Amazon Co., todas pertencentes ao mesmo grupo financeiro (BANDEIRA, 1978: 213). Em 1927, também se instala na Amazônia o grupo Ford, ao obter a concessão de um milhão de hectares de terra para o estabelecimento de uma ou várias empresas, que explorariam a borracha nativa, com a obrigação de plantar apenas 1.200 seringueiras, ou seja, uma seringueira a cada mil hectares (VERÍSSIMO, 1935: 43). Pode-se perceber que, já nesses tempos, o Governo brasileiro era muito generoso com os americanos. Tão generoso que permitia ainda à Companhia Ford Industrial do Brasil utilizar quedas d'água para energia elétrica, construir represas, açudes, campos de aviação e estradas-de-ferro e de rodagem, navegar por conta própria o Amazonas e seus afluentes, pesquisar minérios para efeito de preferência das lavras, estabelecer serviços de comunicações telefônicas e radiotelefônicas, levantar fábricas, fundar bancos e efetuar todas as operações de crédito, criar e manter polícia de segurança (VERÍSSIMO, 1935: 51-54 e REIS, 1965: 156). Tudo isso, gozando da isenção de todos os impostos existentes ou que porventura viessem a existir por 50 anos. Não é preciso explicar porque a região tornou-se conhecida como a Fordlândia (BANDEIRA, 1978: 213).

Nesse panorama, intensifica-se o relacionamento comercial entre Brasil e Estados Unidos, contudo - deve-se ressaltar -, sem que o Brasil quebre as parcerias que mantém com a Inglaterra e a Alemanha. Aliás, o Governo Federal se utilizará do bom entendimento com os alemães para conquistar posições nas negociações com os americanos. Em 1938, devido ao acordo de compensação estabelecido com a Alemanha, o Brasil importa 25% deste país, enquanto os índices americano e inglês atingem 24,2% e 10,4%, respectivamente. Contudo, a partir de 1939, respaldadas por essa nova política de posicionamento no mercado mundial, as exportações americanas para o Brasil



começam a crescer, suplantando os índices alemães. Já em 1939, constituem 33,5% das importações brasileiras, em 1940, sobem para 51,8% e, em 1941, atingem 60,3% (BANDEIRA, 1978: 249).

A *Gazeta* espelha essa alteração no posicionamento brasileiro em relação ao mercado internacional. Ela que, até então, estimulava a intensificação dos negócios com a Alemanha, passa a destacar a parceria brasileira com os americanos. Na verdade, o jornal reflete a reorganização de posições dos países em função da Segunda Guerra. Reflete a movimentação brasileira neste jogo de xadrez que é a política internacional³.

Aliás, as visitas de personalidades estrangeiras recebidas por Cásper Líbero n'*A Gazeta*, neste momento, praticamente são as mesmas recebidas por Getúlio Vargas na capital da República. É o caso, por exemplo, da delegação de comércio americana, que visita *A Gazeta* e almoça com Cásper, em 24 de fevereiro de 1940. Na véspera, participou de um coquetel na Esplanada. No mesmo ano, passam também pelos salões do vespertino Carol Foster e Frederick J. Cunningham, consul e vice-consul americano (20 de março); René Deneau, presidente da firma G. F. Steele, grande exportadora de papel para a imprensa, com sede em Nova York, e antiga fornecedora do jornal (29 de março); Herman Lubeck, representante em São Paulo da Price Brothers Sales Comp., W. J. Scheter, gerente em Nova York da G. F. Steele Comp., capitão Edward G. Depury e João Lourenço da Silva, membros da Missão Econômica Inglesa, Floriano B. Arruda, chefe de propaganda da Companhia Ford, e Rosino Zacchi, da N. W. Ayer & Son (28 de novembro); e Lester Grass, encarregado dos negócios do Canadá no Brasil, R.T. Small Bones, consul geral da Inglaterra em São Paulo, A. B. Henderson, adido do consulado inglês em São Paulo, W. A. H. May, diretor da Thornycroft do Brasil, e E. MacMillan, da Light and Power (18 de dezembro). O jornal aproxima-se também da imprensa norte-americana. Cásper recebe John Earnshaw Leard, redator do jornal *News Leader*, de Richmond, Virgínia (15 de fevereiro); Adolph Zukor, fundador da Paramount (28 de fevereiro); os jornalistas norte-americanos Laura Street e John Adams, redatora e fotógrafo da revista *Life* (17 de abril); Robert Hall, catedrático em

³Devemos recordar que, durante muito tempo, Getúlio Vargas manteve uma posição oficial de neutralidade em relação à Segunda Guerra, apesar de, nos primeiros tempos, demonstrar simpatia pelos regimes nazifascistas. Vargas se aproveitará dessa posição de neutralidade para negociar com países de ambos os lados. Somente em janeiro de 1942, após a Segunda Conferência dos Chanceleres Americanos, sentindo que não mais poderia prorrogar-se nessa indefinição, sem prejuízo para a economia brasileira, rompe as relações diplomáticas com os países do Eixo e permite a tão almejada pelos americanos instalação de bases aéreas e navais no Nordeste brasileiro. As represálias alemãs não se fazem esperar, o que leva o Brasil a declarar guerra ao Eixo em agosto de 1942.



pedagogia na Universidade de Michigan (3 de agosto); e James Miller, superintendente da United Press, na América do Sul, J. Alan Coogan, diretor da United Press no Brasil, e Saturnino Leme, chefe da United Press (13 de agosto).

Dentro dessa perspectiva de aproximação entre os países americanos, os Estados Unidos promovem, em Washington, o encontro de chefes do Estado Maior de tais países. Desse encontro, realizado em 1940, sai a Missão Militar Americana, cujo objetivo é estabelecer os planos de cooperação militar entre Brasil e Estados Unidos. Chefiada pelo general Lehman W. Miller e integrada pelo coronel James B. Chaney, pelos majores Mathew B. Ridgway e Louis J. Compton e pelo capitão Thomas North, a Missão vem ao Brasil em companhia do Chefe do Estado-Maior do Exército Americano, George Marshall, pouco após a realização do encontro. Ao regressar, leva para os Estados Unidos, o general Góis Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro, que, por sinal, acabara de chegar da Alemanha.

Por sua vez, a partir da década de 1940, Cásper também intensifica suas idas aos Estados Unidos, partindo, pouco a pouco, os estreitos laços que o unem à Alemanha. Em 1938, quando de sua viagem a esse país, com o intuito de se colocar a par das novidades do setor gráfico, é recebido com honras de Chefe de Estado por Goebbels, artífice midiático do governo nazista. Nas visitas aos Estados Unidos, realizadas em 1941 e 1943, terá a oportunidade de se entrevistar com o presidente Roosevelt.

O ano de 1941 é o ano de consagração da Política de Boa Vizinhança e do Panamericanismo. No início de abril, o

casal Amaral Peixoto levaria mensagem de Vargas ao presidente Roosevelt, confirmando o sentimento de solidariedade americana desenvolvido pelos governos dos dois países, mas declinando do convite para visitar os Estados Unidos, à espera de ocasião mais propícia (VARGAS, 1995: 388-II).

Ernâni e Alzira do Amaral Peixoto - genro e filha do presidente - foram convidados a visitar este país para batizarem um novo navio de carreira para a América do Sul, lançado pela Companhia de Navegação McCormack. O convite partiu de Robert Lee, um dos diretores da companhia. O casal retorna de sua viagem, no final de maio, completamente encantado com o tratamento a ele dispensado pelos americanos.

Na mesma época, Cásper também embarca para os Estados Unidos, onde permanecerá por três meses. Na bagagem, leva o documentário *Um Vespertino*



Moderno, para ser exibido no Museu de Arte Moderna, em Nova York. Destacando o moderno aparelhamento de que dispõe *A Gazeta*, totalmente adquirido de empresas alemãs, o documentário alerta os americanos para o bom relacionamento entre Brasil e Alemanha, lembrando que ainda não fizemos nossa opção definitiva.

A volta para o Brasil acontece em 21 de junho, no Pacote Brasil, da Frota Boa Vizinhança. Com ele, embarcam outras personalidades de destaque que se achavam nos Estados Unidos em missão oficial ou a convite do Departamento de Estado. São eles: dr. Miguel Teixeira e Oliveira, alto funcionário federal; professor Pacheco e Silva, presidente da Sociedade de Cultura Brasil-América; dr. Vicente de Sampaio Lara, do Instituto de Higiene de São Paulo, que fez estudos na Fundação Rockefeller; dr. Jorge Americano, professor da Universidade de São Paulo; dr. Pedro Calmon, diretor da Faculdade de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Manoel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro; e dr. Mario de Mello, secretário das Finanças do Distrito Federal, que esteve realizando compras oficiais. Ao chegar ao Rio, em 1º de julho, Cásper é homenageado pelos cônsules americanos. Retorna a São Paulo dois dias depois, sendo recepcionado no campo das Congonhas pelo tenente Alfredo Guedes Souza Figueira, representante do interventor Fernando Costa; Aníbal de Andrade, representante do prefeito de São Paulo, Prestes Maia; Alexandre Marcondes Filho, do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo; dr. João Batista de Souza Filho, diretor da Divisão de Imprensa do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e representante do professor Cândido Mota Filho, diretor geral do DEIP; e Simões de Carvalho, assistente técnico da Divisão de Imprensa do DEIP (*A Gazeta*, 4 de julho de 1941).

Por sua vez, Roosevelt envia Douglas Fairbanks Júnior ao Brasil para recolher maiores informações sobre a nossa cultura e começar a delinear um possível acordo de intercâmbio. Na ocasião, é convidado pelo *A Gazeta* para uma conferência no seu auditório. Naturalmente, Panamericanismo e Política de Boa Vizinhança são as tônicas da palestra (*A Gazeta*, 5 de maio de 1941).



Enquanto isso, prosseguem as negociações entre Brasil e Estados Unidos. Os dois governos negociam a liberação de um crédito de 100 milhões de dólares para o Brasil armar-se, assim como a permissão para que os Estados Unidos instalem bases aéreas no Nordeste. Por ocasião das comemorações do aniversário da independência americana, a 4 de julho, *A Gazeta* revela-se cada vez mais inclinada a apoiar a adesão do Brasil à política norte-americana para a América Latina. Publica um editorial em que os Estados Unidos são exaltados como o líder natural da América.

Essa liderança não implica subordinações ou aliança de intuítos agressivos, mas, antes de tudo, comunhão de interesses, identidade de pontos de vista. (...) Não representa ameaça de qualquer espécie à soberania ou à vida de qualquer Estado do continente, mas pelo contrário, exprime a segurança de um vizinho ou de um amigo, que não pensa senão, em colaborar, ajudar e compreender (*A Gazeta*, 7 de julho de 1941).

A defesa e segurança encarnadas pelos americanos reaparece em reportagem dias depois, sobre o anúncio do Departamento de Estado americano, declarando prioridade de ajuda ao Brasil para a construção de uma usina metalúrgica, no valor de 45 milhões de dólares. O jornal julga o “projeto importante para a defesa do hemisfério ocidental e para a economia brasileira e continental (*A Gazeta*, 10 de julho de 1941)”.

Os laços entre Brasil e Estados Unidos tornam-se, pouco a pouco, mais estreitos. Em 24 de julho de 1941, é assinado o acordo que regula as atividades da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos de Oficiais de Estado-Maior para elaborar os planos de defesa do Norte e do Nordeste do País. Por decreto-lei, editado no dia seguinte, a Panair do Brasil ganha concessão para construir, ampliar e aparelhar aeroportos de Salvador ao Amapá, apoiando a decisão de consolidar uma rota aérea que permitisse do Brasil alcançar a África. “Este foi o expediente encontrado pelo Brasil e Estados Unidos para a instalação de bases militares, sem comprometer a posição de não-beligerância assumida pelos dois países (VARGAS, 1995: 407-II)”. A instalação das bases desperta a desconfiança do general Góis Monteiro, que alerta Vargas para o perigo da ocupação do território brasileiro pelos americanos a pretexto de nos defenderem contra ataques alemães. Vargas retruca que as negociações devem continuar porque necessitamos



reaparelhar o Exército para assegurarmos nossa defesa. Não concordamos, contudo, com a ocupação estrangeira e isso deve ser reforçado junto aos representantes americanos. As negociações continuam.

Em 16 de agosto, *A Gazeta* comunica a visita ao Brasil da Comissão de Orçamentos do Congresso Norte-Americano, cuja chegada está prevista para o dia 28. Fazem parte da comissão os deputados Louis O. Rabaut, John M. Houston, Harry P. Beam, Vincent F. Harrington, Albert G. Carter, Jack K. MacFall e Guy W. Ray.

Dois dias depois, divulga a liberação de 10.331.639 dólares para a realização do programa Nelson Rockefeller. Membro da Junta de Defesa Econômica, presidente do Rockefeller Center e coordenador das Relações Interamericanas dos Estados Unidos, Nelson Aldrich Rockefeller é responsável pelo Office for the Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics (Escritório para a Coordenação das Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas Americanas), justamente a instituição que encabeça o programa, cujas bases confundem-se com os princípios da Política de Boa Vizinhança. O total divulgado será assim distribuído: 450 mil dólares para a análise da propaganda do Eixo na América Latina; 900 mil dólares para filmes que aumentem o conhecimento mútuo das repúblicas americanas; 1,05 milhão de dólares para levar a “verdade dos fatos” acerca do que acontece no hemisfério aos povos de todas as repúblicas americanas; 1,5 milhão de dólares para jornais, revistas, retratos e panfletos para estimular a solidariedade interamericana. Destes, 250 mil dólares para uma revista ilustrada mensal sobre os recursos dos Estados Unidos e os seus esforços na preparação da defesa do hemisfério ocidental; 125 mil dólares para artigos e reportagens sobre os Estados Unidos; 175 mil dólares para reportagens e fotografias sobre as repúblicas americanas a fim de torná-las mais conhecidas nos Estados Unidos; 200 mil dólares para artigos informativos sobre as repúblicas americanas, para comunicados a organizações e instituições civis, culturais, sociais e educacionais dos Estados Unidos; 150 mil dólares na preparação e distribuição na América Latina de folhetos e de panfletos sobre os esforços de defesa dos Estados



Unidos; 175 mil dólares para uma seção informativa, por meio do contrato com o Export Information Bureau Inc., com representantes no Brasil, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Colômbia, América Central, México, Antilhas; 125 mil dólares para inquéritos sobre a opinião pública, por meio de contrato com a American Social Survey Inc., que estabelece inquéritos especiais no Brasil, Argentina, Chile, México, Peru, Colômbia, Venezuela e Estados Unidos; 150 mil dólares para continuar o trabalho em 1942; 1,05 milhão de dólares para o melhoramento das instalações de rádio a fim de obter material para irradiação; para estímulo e execução de projetos para irradiações em ondas curtas para a América Latina e para irradiação em ondas longas em cada república; para a preparação de programas especiais de treino básico nas línguas das Américas.

A Gazeta registra a chegada da comissão americana, uma semana antes do previsto, e enfatiza os objetivos do grupo - estudar diretamente o trabalho desenvolvido pelos serviços de cooperação norte-americana e obter conhecimento detalhado dos problemas do Brasil e de outras nações americanas - objetivos estritamente ligados à Política de Boa Vizinhança (*A Gazeta*, 21 de agosto de 1941). Contudo, esse tão propagado interesse pela realidade e cultura brasileiras acaba se traduzindo em propaganda da cultura americana, no sentido de despertar um processo de “americanização”, do que em verdadeiro intercâmbio cultural - apesar dos jornais proclamarem o contrário. Como ressalta Moniz Bandeira, o Brasil torna-se cada vez mais americano. Só não assimila, porém, a sua forma de democracia política, gerada no movimento pela independência, de 1776 a 1783 (BANDEIRA, 1978: 215).

As conferências de Pacheco e Silva, Jorge Americano e Cásper Líbero sobre a vida intelectual nos Estados Unidos, realizada a 17 de julho de 1941, no auditório d'*A Gazeta*, refletem o clima de exaltação da cultura americana que se instaura por aqui, nesses tempos. Promovido pela União Cultural Brasil-Estados Unidos, em conjunto com o vespertino, o evento é consequência direta da recente viagem dos três a esse país. Aliás, a partir de então, a dupla de patrocinadores promoverá a exibição de uma série de



documentários, sempre sobre o mesmo tema: hábitos e costumes do povo americano, o que demonstra a franca adesão do vespertino à propaganda dos Estados Unidos.

É a abertura para a experiência das outras nações que legitima o discurso de Boa Vizinhança, de cooperação entre os países latino-americanos, de mútuo interesse - ainda que totalmente forjada. Pelos freqüentes elogios à ação americana e pela sua intensa participação nos projetos de intercâmbio, *A Gazeta* parece não se dar conta disso. A edição do dia 8 de dezembro de 1941, por exemplo, destaca como uma das grandes preocupações da política de Panamericanismo fazer propaganda do Brasil nos Estados Unidos. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) estaria cooperando na edição de livros sobre o Brasil, sem procurar influenciar em juízos e opiniões sobre a nossa atualidade política. Ele forneceria elementos de informação, material fotográfico, contatos pessoais, acesso a arquivos públicos e estabelecimentos oficiais. Por outro lado, estaria aumentando o interesse da cinematografia americana pelo Brasil. Em fevereiro de 1942, Orson Welles vem ao Rio de Janeiro para filmar o carnaval e, posteriormente, realizar um documentário. Em dezembro, Clyde Elliott, da Monogram Pictures, filma películas de aventura em Mato Grosso e Amazonas. John Dored, camera-man da Paramount, há seis meses no Brasil, já filmou 47 reportagens para o jornal da companhia. Victor Jurgens, operador do jornal *The March of the Time* - exibido semanalmente na Rádio City Music Hall e nos Cineacs dos Estados Unidos - produziu dois documentários sobre as principais realizações sociais e administrativas de Vargas. O DIP e a cadeia de jornais Scripps-Howard, além da Moore McCormack, Panair, Copacabana Palace Hotel e Ford Motor Company patrocinam as Embaixatrizes da Boa Vontade, um concurso de beleza.

Progressivamente Cásper alarga seu círculo de relações na sociedade norte-americana. Em 1942, visitam *A Gazeta* praticamente todas as personalidades americanas que passam pelo Brasil, como o jornalista William Wieland, assistente especial do embaixador dos Estados Unidos junto ao Governo brasileiro (20 de março), e S. Habib, diretor da Metro Goldwyn Mayer do Brasil (23 de maio). Também Nelson Rockefeller,



que vem ao Brasil para acompanhar de perto o funcionamento de seu programa, entrevista-se com Cásper, durante sua estada na capital da República (10 de setembro). Dois dias depois, já em São Paulo, aproveita para visitar *A Gazeta*.

A aproximação dos jornalistas brasileiros com os Estados Unidos realmente intensifica-se no segundo semestre de 1942. Sob a chefia de Alfredo Pessoa, diretor da Divisão de Divulgação do DIP, parte uma missão jornalística com destino a Londres e, posteriormente, Washington. São convidados Miguel de Arco e Flexa (pel'*A Gazeta*), Mario Martins (pel'*O Radical*), Danton Jobim (pelo *Diário Carioca*) e Joaquim Ferreira (pel'*O Globo*) (*A Gazeta*, 6 de outubro de 1942). Ao chegar em Londres, Arco e Flexa saúda o Brasil pelo microfone da BBC. No dia seguinte, os jornalistas são recebidos pelo presidente Churchill, a quem entregam um busto, em nome do Governo brasileiro. Dois meses depois, já em Washington, são recebidos por Rosalyn Roosevelt.

Em novembro do mesmo ano, Cásper é convidado pelo embaixador americano a visitar os Estados Unidos. Segundo o jornalista, “era desejoso do Governo Norte-Americano que todo o trabalho de preparação para a guerra fosse testemunhado por jornalistas brasileiros que, assim, poderiam sentir de perto o esforço total e a total capacidade de produção dos Estados Unidos (*A Gazeta*, 2 de agosto de 1943)”. A viagem é marcada para maio de 1943. Integram o grupo André Carrazoni, Rodolpho da Mota Lima, Belizário de Souza, Romeu Ribeiro e Hugo Barreto, do Rio de Janeiro; Joaquim Ottoni Silveira Camargo, Elias Antonio Pacheco Chaves Neto e Cásper Líbero, de São Paulo; Arlindo Pasqualini, do Rio Grande do Sul; Ernesto Simões Filho e Wilson Lins, da Bahia; e Edgard Godoy da Matta Machado, de Minas Gerais.

Além de visitar as principais redações de jornais, empresas e escolas de aviação, o grupo vai ao arsenal de guerra norte-americano, em diferentes Estados. As impressões causadas nos brasileiros não poderiam ser melhores, como registra a série de artigos assinados por Cásper e publicados nas páginas d'*A Gazeta*, em julho e agosto de 1943. Sob o título, “Impressões de uma viagem”, os artigos versam sobre os mais diversos assuntos, tais como geografia brasileira, pobreza do Nordeste e geografia das Guianas (a



propósito da vista aérea que se tem do avião a caminho para os Estados Unidos); Panamericanismo; transporte fluvial, ferroviário, rodoviário e aéreo; escola de aviação; a participação da mulher na guerra; o milagre da água na Califórnia; treinamento militar; desenvolvimento industrial; democracia e cidadania. Independente do assunto, porém, todos os artigos referem-se aos Estados Unidos como exemplo a ser seguido pelas demais repúblicas americanas, pois,

somente na honestidade prática de um regime verdadeiramente democrático, baseado nos princípios de auto-determinação dos povos, na leal cooperação dos países e no respeito inerente ao ser humano e ao cidadão, que são inseparáveis, encontrará o mundo a paz definitiva para trabalhar, progredir e viver (*A Gazeta*, 6 de agosto de 1943).

Um dos aspectos mais valorizados da Política de Boa Vizinhança, nesse momento, é a cooperação continental, enfatizada pelos editoriais d'*A Gazeta*, a partir de setembro de 1941. O jornal parte do princípio de que a manutenção da paz interna é fator decisivo para a defesa nacional: cessadas as divergências internas, povo e governo devem formar um só bloco indivisível para assegurar a própria defesa. Num segundo momento, o raciocínio é ampliado no que diz respeito ao relacionamento com os demais países americanos, ou seja, cessadas as divergências, os governos devem formar um só bloco indivisível para assegurar a defesa das Américas.

Para ilustrar esse posicionamento, nada melhor do que a primeira página do dia 11 de outubro de 1941, dedicada exclusivamente à Semana Interamericana: dia 12 é o Dia das Américas. A manchete diz tudo: “Pela união inquebrantável das Américas”. E a ilustração completa: ocupa toda a página uma fotografia da Estátua da Liberdade (“símbolo do pensamento unânime das nações americanas e dos ideais panamericanos”), cercada por pensamentos escritos especialmente para *A Gazeta* pelos representantes das nações americanas. Retomando, porém, o assunto no interior da edição, o jornal mostra que nem tudo são flores no relacionamento do Brasil com os Estados Unidos. Destaca que, segundo a revista americana *Fortune*, estaria na hora deste país trocar o discurso da “boa vontade” pelo crédito. E o Brasil, cliente alemão antes da guerra, sofreria represálias e seria preterido pelas empresas americanas.



O tema da amizade entre Estados Unidos e Brasil seria retomado no editorial do dia 23 do mesmo mês. Os dois países seriam dois “bons vizinhos” que não se conhecem devidamente. Mas - o jornal acredita -, não por muito tempo, pois existe um profundo interesse dos norte-americanos pelas coisas do Brasil. O destaque fica por conta das comemorações da Semana Interamericana, quando Francisco Silva Junior, diretor do Brazilian Information Bureau (Escritório de Expansão Comercial do Brasil) de Nova York, fala a estudantes do Russel Sage College e industriais da cidade de Troy, Estado de Nova York. E encerra afirmando que “os Estados Unidos devem firmar nas Américas a mais perfeita comunhão internacional”.

A frase é típica da teoria de solidariedade americana, que imperou durante a guerra, justamente como consequência da instabilidade européia. Diante do totalitarismo, da anarquia e das convulsões sociais, a civilização ocidental sente-se ameaçada e, por isso, busca novas bases de sustentação no continente americano. Diante do caos que se mostra a Europa, a América - liderada pelos Estados Unidos - surge como a mais concreta expressão dos conceitos fundamentais do pensamento moderno: racionalidade e eficiência (MOTA & CAPELATO, 1981: 74/75).

Ainda no final dos anos 1920 e início dos 1930, a liderança americana já é profetizada por dois brasileiros: Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. O primeiro, como Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, mostra-se entusiasmado com a democracia americana (“é uma lição para o mundo”) e critica os “profetas da Idade Média”, que temem a “corrupção da grandeza americana (TEIXEIRA, s/d: 9)”. O segundo, ao retornar de Nova York, em 1927, exalta seu progresso e sua civilização (LOBATO, 1948).

A crença na liderança americana é também o que expressa Cásper Líbero, em 1943, ao retornar de uma visita a esse país: “os Estados Unidos organizarão as forças do mundo após a guerra (*A Gazeta*, 19 de julho de 1943)”. É também o que expressa a mensagem assinada pelos diretores dos principais jornais da Capital da República, manifestando a Roosevelt “toda a confiança que os jornalistas brasileiros depositam na



sua ação em defesa da segurança do hemisfério ocidental e dos valores da civilização, em que os países do Novo Mundo cresceram e desenvolveram (*A Gazeta*, 1 de novembro de 1941)”.
Na verdade, como aponta uma entrevista de Nelson Rockefeller *À Gazeta*, em 1º de dezembro de 1941, com a crise econômica de 1939, os Estados Unidos se dispõem a abrir crédito para os países latino-americanos, como também, reabastecer o seu mercado, com o único objetivo de ocupar o lugar da Europa no comércio das Américas. Para escamotear esse comportamento que nada tem de simpático, amigo e desapegado, é desenvolvido o discurso da Política de Boa Vizinhança. Seus argumentos passam então a ser impedir que as repúblicas americanas se tornem vulneráveis a Hitler, estimular o desenvolvimento da América como continente, incentivar a integração das culturas para favorecer a cooperação mútua, entre outros.

Já no final da década de 1920 e princípio dos anos 1930, porém, o contexto político-econômico brasileiro mostra-se favorável ao imperialismo norte-americano. Além da Ford, outras importantes organizações vêm para o Brasil, também interessadas em garantir matéria-prima e conquistar o mercado brasileiro. Atlantic Refining Company of Brazil, Firestone Tire & Rubber Company, Universal Picture Corporation, Armour of Brazil Corporation, International Harvest Company, Metro Goldwyn Mayer, Companhia Brasileira de Força Elétrica S/A, Refinações de Milho Brasil, Western Electric Company of Brazil, Burroughs do Brasil Inc., Swift & Co., Armour & Co., Wilson & Co. e Pan American Airways Inc. estão entre os principais trustes americanos que se instalam no País (DEPARTAMENTO NACIONAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, s/d: 122-141). Chegam para dominar os mais diversos setores da economia brasileira. De acordo com os registros do Banco Central, até 1930, os Estados Unidos investem no Brasil, 10.292.331 dólares contra 17.119.380 dólares de outras nações (BANDEIRA, 1978: 214).

Nesses tempos, abrimos as portas às empresas e também aos produtos de fabricação americana. Em 1927, por exemplo, o Brasil aparece como o quarto melhor



mercado do mundo para os automóveis americanos, absorvendo cerca de 10% das exportações americanas de veículos (automóveis de passageiros, caminhões e ônibus) (BANDEIRA, 1978: 208). E, em 1928, enquanto as exportações para os Estados Unidos aumentam de 101.800.900 dólares (32%) para 215.992.000 (45,4%), as importações dos produtos americanos passam de 50.900.000 dólares (15,7% do total das importações brasileiras) para 117.510.000 (26%) (BANDEIRA, 1978: 221).

Aderindo plenamente ao discurso panamericanista a partir da década de 40, *A Gazeta* faz vista grossa ao imperialismo para ressaltar a solidez das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos. O editorial de 7 de outubro de 1941 destaca que

a nossa amizade com os Estados Unidos constitui sempre a base mais firme e tradicional de nossa política externa. Os Estados Unidos são os nossos maiores fregueses, o maior comprador do nosso principal produto de exportação - o café, que não paga direitos de entrada nos portos norte-americanos. Devemos ao capital americano contribuições notáveis ao nosso progresso e à nossa economia.

Não é o que demonstram os números. As exportações de café caem ano a ano. Se em 1933, representam 73% sobre o valor em ouro das vendas, em 1934, chegam a apenas 61%, em 1935, atingem 51%, em 1936, 45%, e em 1937, 42%. É indiscutível qual o lado da balança beneficiado pelo Tratado de Reciprocidade Brasil- Estados Unidos. Enquanto caem as exportações de café, as importações de produtos americanos crescem consideravelmente. Para se ter idéia, tomando como base os níveis de 1933, aumentam 64,80%, em 1936, e 130,8%, em 1937, enquanto as exportações brasileiras registram o incremento de 23,44 e 46%, respectivamente (BANDEIRA, 1978: 248). A explicação é simples, como nos faz ver Moniz Bandeira:

Os produtos primários, principalmente os gêneros alimentícios (*foodstuffs*), compunham cerca de 99% das exportações brasileiras para os Estados Unidos e a expansão da sua demanda depende menos da redução dos preços do que da elevação da renda no país a que se destinam. No caso do café, cuja elasticidade é negativa (menos que 1%) a diferença de preço (um pouco mais baixo) não aumentaria o seu consumo, que, além do mais, estava saturado, nos Estados Unidos. O pequeno crescimento das exportações brasileiras não decorreu, portanto, da assinatura do Tratado e sim da recuperação da renda, após a crise que abalou a economia americana, de 1929 a 1933, e isto se torna tão evidente quando se leva em conta que o café e os demais produtos (cerca de 97,5%) já



entravam livremente naquele país e não receberam qualquer nova concessão. Para os Estados Unidos, que exportavam (...) produtos manufaturados, as reduções de tarifas representaram, porém, enorme vantagem, como os números comprovam. Os bens duráveis de consumo (os artigos manufaturados) são mais elásticos, mais sensíveis às diferenças de preço. A reciprocidade formal assim se convertia na unilateralidade de fato (BANDEIRA, 1978: 248).

E assim, com a intensificação dos negócios entre os dois países, os brasileiros dependem cada vez mais dos americanos. De 1921 a 1927, o Brasil recorre às praças de Londres e Paris para realizar operações financeiras, apenas duas vezes, concentrando os grandes empréstimos na praça de Nova York. Por isso, em 1928, o Brasil já deve aos Estados Unidos mais de 20% do total dos financiamentos (106.970.000 libras e 333.577.000 francos) que recebeu da Inglaterra e da França (BANDEIRA, 1978: 221), num valor de 152.800.000 dólares. A mudança de posicionamento, contudo, não é peculiar ao Brasil, mas comum aos demais países da América Latina. Ela reflete o deslocamento do centro financeiro mundial de Londres para Nova York.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, **Sociedades Mercantis autorizadas a funcionar no Brasil (1908-1946)**, Rio de Janeiro, s/d.
- HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **A Hora e a Vez do Progresso - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas d'A Gazeta**. São Paulo, dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1997.
- LOBATO, Monteiro. **América - Os Estados Unidos de 1929**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1948.
- MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S.Paulo: 1921-1981**, São Paulo, Impres, 1981.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Edinova Ltda., 1965.
- Vargas, Getúlio. **Diário**, São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- TEIXEIRA, Anísio Aspectos Americanos de Educação (Relatório apresentado ao Governo do Estado da Bahia) *In: Em Marcha para a Democracia (A margem dos Estados Unidos)*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, s/d.
- VERÍSSIMO, Inácio José. **A Concessão Ford no Pará**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1935.

CURRICULUM VITAE

Gisely Hime é bacharel, mestre e doutora em Jornalismo pela ECA/USP. É professora na Graduação e Pós em Comunicação Social no UniFMU (SP), além de coordenar esta área no Centro de Pesquisa e Pós Graduação da instituição. Atua como



tradutora, com diploma superior de estudos franceses pela Universidade de Nancy II (França) e jornalista especializada em comunicação empresarial. Entre as publicações, destaca-se “Cásper Líbero: o Empresário que Criou a Primeira Escola de Jornalismo” (MARQUES DE MELO, J. (org.), **Imprensa Brasileira: Personagens que Fizeram História**, São Paulo: Unimesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, v. 1, 2005).